

**BOOM LATINO-AMERICANO:
MOVIMENTO ESTÉTICO-POLÍTICO OU FENÔMENO DA SOCIEDADE DE CONSUMO?**

Caroline Ferreira Soares (PUCRS)

O conteúdo desta proposta de História da Literatura (HL) originou-se a partir da leitura do texto “O *Boom* em perspectiva”, de Ángel Rama. Quero, aqui, propor o questionamento e a reflexão acerca de alguns pontos levantados por Rama a respeito do Boom Latino-americano, de modo que, futuramente, seja possível unir mais pesquisadores interessados nesse momento cultural, literário e econômico hispano-americano, a fim de explorá-lo com mais afinco pelo viés da História da Literatura. Sendo o *boom* considerado um momento tão fértil para as letras e, ao mesmo tempo, controverso no âmbito da crítica, a organização da possível capitulação, que será apresentada a seguir, visa a levantar questões problematizadas a partir de alguns pontos ainda nebulosos para Rama, e para muitos de nós, visando a ampliar o entendimento sobre a origem do movimento, sua representatividade – do final dos anos 1950 a meados dos 1970 e também hoje – e suas relações com o contexto sociopolítico e cultural, sempre trazendo escritores evocados pelo texto de Ángel Rama e dentro do recorte temporal estabelecido pelo teórico, de 1964 a 1972, ainda que alguns autores apenas se encaixem nesse período com reedições, como veremos no capítulo dedicado ao *boom* editorial.

Durante minha graduação em Letras, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde estudei língua e literatura espanhola/hispano-americana, sempre estivemos rodeados pelos nomes que compõem o *boom* e pelo seu termo “explosivo”. No entanto, tal como Rama afirma, questionamentos sobre a origem, o fim e até sobre o próprio nome não foram muito explorados nesse caminho. Havia a apresentação de um movimento que foi um sucesso, em relação a vendas de livros e surgimento de novos escritores, seguido pelo estudo das obras envolvidas, ficando um pouco de lado uma abordagem mais minuciosa acerca do movimento, principalmente questões relacionadas ao mercado editorial, não-ditos que silenciaram uma série de questionamentos que, mesmo décadas depois, ainda são latentes. Isso, por si só, justifica o merecimento de uma HL, com investigações que, mais do que tentar periodizar e determinar respostas definitivas – exatidões que soam falsas ao campo literário – buscariam aclarar um pouco mais as relações que teceram o *boom*, as quais chamaremos de sistemas, utilizando a teoria polissistêmica de Even-Zohar, e que podem ser observados na organização dos capítulos desta proposta.

Sigo, então, apresentado um possível sumário, sistematizado, mas não arbitrário, uma vez que os sistemas, ainda que possam sugerir uma hierarquia, são atravessados por outros sistemas e fazem parte de uma engrenagem que pretende, mais do que tudo, produzir teoria para a nossa literatura, a literatura latino-americana, a partir de um olhar um

pouco mais distante dos fatos, considerando que, segundo Foucault (2008:5), “as descrições históricas se ordenam necessariamente pela atualidade do saber, se multiplicam com suas transformações e não deixam, por sua vez, de romper com elas próprias”.

1 POR QUE “BOOM”?

Circulam, basicamente, duas definições para o *boom*. A primeira delas, mais romântica, faz referência ao militarismo presente em grande parte da América Latina quando surgiu o movimento, como onomatopeia de explosão, e se encaixa perfeitamente na imagem estético-política que os escritores pretendiam levar ao mundo com suas narrativas. A outra definição, que suscita a maior polêmica e tende a definir o *boom* como fenômeno da sociedade de consumo, vem da terminologia do *marketing* que determina um grande aumento de vendas, ligando o movimento à publicidade e ao capitalismo, e causando estranhamento a alguns intelectuais, principalmente pelo momento de ditaduras e revoluções no qual vivia a América Latina, e, ao mesmo tempo, uma massificação da produção editorial dessas narrativas, alcançando mais do que a afeição de intelectuais, mas um público que não consumia “alta literatura”¹. Para esse impasse, serão sugeridos estudos nos capítulos dedicados ao mercado editorial e ao contexto histórico.

O nome do movimento foi tão polêmico que Cortázar (apud RAMA, S/D) chegou a afirmar: “é lamentável que, para defini-lo, se tenham servido de uma palavra inglesa”, em explícita inconformidade com qualquer associação com o imperialismo norte-americano. Logo, para este capítulo, seria interessante uma busca pela raiz da definição, com investigações nas cartas que trocavam os escritores e em documentos das editoras da época que possam estar disponíveis em arquivos, já que estamos quase 50 anos distantes de sua inauguração, e muito desse material pode ter sido repassado a instituições que se ocupam da memória cultural.

2 BOOM EDITORIAL

O capítulo intitulado “*Boom* editorial” teria como fio condutor uma análise das editoras latino-americanas e europeias que publicaram as obras do *boom*, resultado de investigação sobre possíveis relações entre elas, seus editores e de como se dava o trâmite entre editoras e escritores até a publicação das obras. Seriam incorporadas a essa análise as seguintes editoras, destacadas e elencadas por Rama das seguintes forma e ordem:

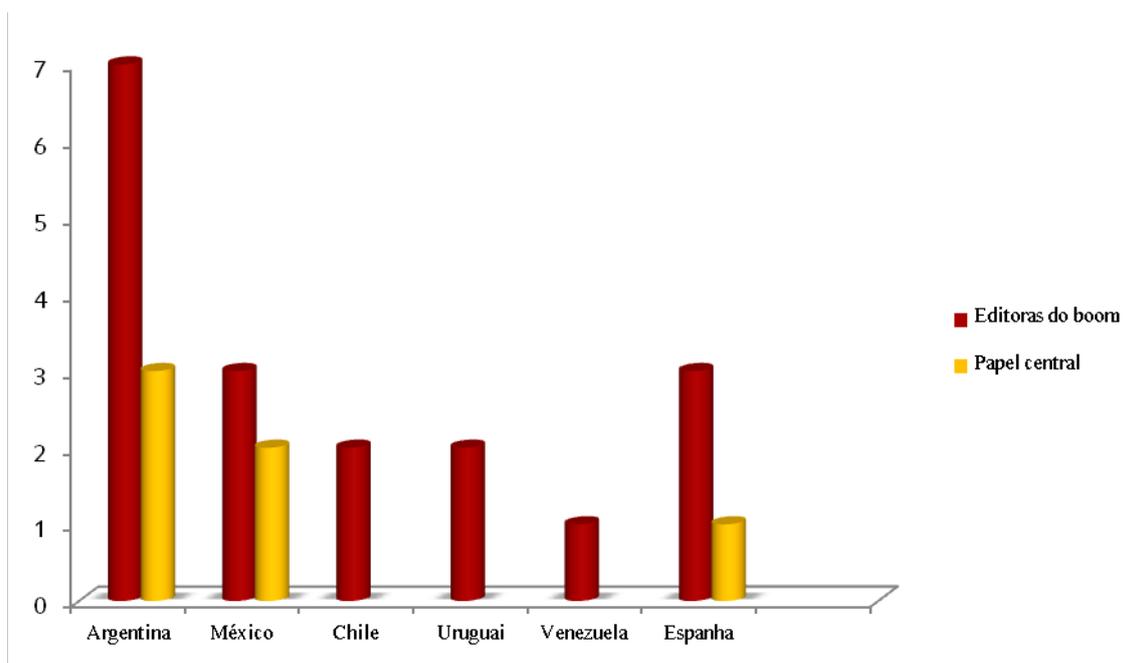
| EDITORA | PAÍS | PAPEL CENTRAL |
|---------|--------------------------|---------------|
| Losada | Argentina (Buenos Aires) | X |

¹ Aqui o termo “alta literatura” é usado para diferenciar a produção literária da produção massiva, elaborada, principalmente, para fins comerciais.

| | | |
|---------------------------------|--------------------------|---|
| Emecé | Argentina (Buenos Aires) | |
| Sudamericana | Argentina (Buenos Aires) | X |
| Compañía General Fabril Editora | Argentina (Buenos Aires) | X |
| Jorge Álvarez | Argentina (Buenos Aires) | |
| La Flor | Argentina (Buenos Aires) | |
| Galerna | Argentina (Buenos Aires) | |
| Fondo de Cultura Económica | México | X |
| Era | México | |
| Joaquín Mortiz | México | X |
| Nacimiento | Chile | |
| Zig-Zag | Chile | |
| Alfa | Uruguai | |
| Arca | Uruguai | |
| Monte Ávila | Venezuela (Caracas) | |
| Seix Barral | Espanha (Barcelona) | X |
| Lumen | Espanha (Barcelona) | |
| Anagrama | Espanha (Barcelona) | |

Tanto a ordem quanto o desempenho de “papel central” atribuídos às editoras por Rama merecem questionamentos neste capítulo, bem como servem de orientação para o pesquisador: por que foram elencadas dessa forma? Como se deu a atuação de Losada, Sudamericana, Fabril Editora, Fondo de Cultura Económica, Joaquín Mortiz e Seix Barral em relação às demais, que não foram destacadas como centrais durante o *boom*?

No gráfico a seguir, é possível visualizar com mais clareza a distribuição geográfica dessas editoras e onde estavam as mais importantes:



2.1 Publicidade

Dedicar um subcapítulo para o papel da publicidade durante o *boom* é fundamental, uma vez que a ela é atribuída a transformação do movimento em fenômeno da sociedade de consumo, a produção de grandes tiragens e, como consequência, o crescimento das vendas e do número de leitores. As questões que norteiam essa seção passam pela pesquisa de alguns dos seguintes elementos: o lançamento dos *pocket books* no mercado latino-americano, que possibilitaram a redução de custos das grandes tiragens, bem como ampliaram o acesso ao livro; as reedições massivas de livros anteriores a 1964, que obtiveram vendas muito superiores à época de suas primeiras edições, como uma notável jogada de *marketing* num momento que favorecia lançamentos de escritores latino-americanos; e o trânsito dos escritores pelo *mass media*, principalmente em entrevistas que expunham mais sua privacidade do que seu intelecto.

2.2 Bons livros não vendem?

Nesta seção, sugere-se uma reflexão sobre até que ponto a massificação da literatura latino-americana foi positiva e negativa no *boom*, trazendo à tona um questionamento que também é válido, inclusive, para a atualidade: bons livros não vendem?, suscitado a partir das palavras de Borges, em entrevista concedida a E. Gudino Kieffer (apud RAMA, S/D):

Meu pai era amigo de Arturo Cancela, que publicava livros muito vendidos, mas ele acreditava que se outros escritores percebessem isso, pensariam que seus livros estavam escritos para o vulgar e não teriam nenhum valor. Então, dizia: "Não, não, as pessoas exageram, realmente meus livros vendem muito pouco". Tinha medo de que as pessoas o vissem como uma espécie de Martínez Zuviría ou coisa assim. Não, ele vendia seus livros e calava a boca; no entanto agora...

O tema propõe uma discussão acerca do elitismo que permeia o conteúdo dessa declaração, colocando a literatura como um bem para poucos letrados e intelectuais, e que deixa de ser atraente na medida em que se torna popular, pois algo que caísse no gosto da massa "não poderia ser bom". Aqui, é preciso considerar toda a reconfiguração econômica do mercado editorial e o quanto ele facilitou o encantamento e o acesso à literatura.

Em relação a essa ampliação do acesso ao livro, não teria feito a publicidade o que a educação, de modo tradicional, não consegue fazer, que é despertar o interesse pela literatura? Ainda que por fatores extraliterários, como exposição midiática, capas apelativas, etc., é interessante repensar se, para facilitar o contato das massas com o campo literário, esses artifícios não são, também, fundamentais. Afinal, muitos escritores, professores e intelectuais se queixam da falta de interesse do povo pelos livros, mas poucos buscam

acompanhar a evolução das mídias, que a cada dia coloca a literatura em desvantagem na corrida pelo seu interesse. E, neste ponto, a ousadia do *boom* obteve sucesso.

Por fim, e como contraponto, proponho que sejam analisadas algumas obras que, segundo Rama, em razão de terem sido produzidas para atender a demanda, não foram publicadas com a mesma qualidade que certamente teriam se o autor pudesse amadurecê-las por mais tempo, como *Octaedro* e *El libro de Manuel*, de Cortázar.

3 A AMÉRICA LATINA EM *BOOM*: DITADURAS /REVOLUÇÃO CUBANA/LITERATURA

Como bem teoriza Rama, a atenção do mundo à literatura latino-americana não está vinculada apenas aos esforços mercadológicos/editoriais. Entre os anos 1960 e 1970, a América Latina encontrava-se em meio a ditaduras e acompanhava os primeiros anos da Revolução Cubana, que destituiu o ditador Fulgencio Batista em 1959. A dicotomia entre as realidades provocadas pela tomada do poder pelo povo e a repressão militar não apenas atraiu olhares globais para a América Latina como também impulsionou a escrita e o engajamento de escritores aos movimentos sociais de esquerda. No entanto, essa mesma ideologia, mais tarde, provocou rupturas nas relações entre os escritores do *boom*, principalmente após Fidel Castro prender o escritor Herberto Padilla e sua esposa, a poetisa Belkis Cuza Malé, em 1971, o que, supostamente, teria posto um ponto final ao *boom*, e causou comoção entre intelectuais de diversas partes do mundo, como Sartre e Simone de Beauvoir.

O orgulho do povo latino-americano, com ares de nacionalismo também pode ser apontado como um fator importante na popularização das obras do movimento.

Este capítulo é, portanto, fundamental para a contextualização histórica do *boom* latino-americano.

4 ESCRITORES DO *BOOM*, DE A A Z

Além de apresentar uma lista de A a Z composta pelos escritores citados no texto de Rama, analisando os critérios que levam o teórico a elencar estes e não outros autores, tem como objetivo analisar as relações entre a estética literária de cada um deles, numa tentativa de traçar paralelos e pontos em comum entre as narrativas do movimento, partindo de uma afirmação de Mario Vargas Llosa (apud RAMA, S/D): “é um fato, por exemplo, que um Cortázar ou um Fuentes têm poucas coisas em comum e muitas outras em divergência”. Uma declaração que, embora polêmica, aponta para um caminho a ser explorado teoricamente.

É notável a escassez de nomes da literatura brasileira nesta relação, porém acredito que criar um subcapítulo somente para ela apenas evidenciaria o distanciamento

literário e cultural entre Brasil e a América Hispânica, de modo que prefiro deixá-los figurando “naturalmente” entre os demais.

Segundo Rama, ainda que alguns escritores sejam citados como excluídos das listas do *boom* às quais o autor teve acesso, são autores dessa “nova” narrativa, em ordem alfabética:

| | |
|--------------------------------|-----------------------|
| Adán Buenosaires | Juan Carlos Onetti |
| Adolfo Bioy Casares | Juan Goytisolo |
| Alejo Carpentier | Juan Rulfo |
| Augusto Roa Bastos | Julio Cortázar |
| Cabrera Infante | Lezama Lima |
| Carlos Fuentes | Luis Spota |
| Clarice Lispector | Macedónio Fernandez |
| Corín Tellado | Manuel Puig |
| David Viñas | Manuel Scorza |
| Emilio Díaz Valcárcel | Mario Benedetti |
| Ernesto Sábato | Mario Vargas Llosa |
| Felisberto Hernandez | Miguel Ángel Asturias |
| Gabriel García Márquez | Miguel Otero Silva |
| João Guimarães Rosa | Papillón |
| Jorge Luis Borges | Salvador Garmendia |
| José Donoso | Severo Sarduy |
| José María Arguedas Altamirano | Silvina Bullrich |

4.1 Escritores em evidência

Esta seção visa a buscar explicações para o fato de alguns escritores serem considerados os principais nomes do *boom* latino-americano, tais como Julio Cortázar, Mario Vargas Llosa, Gabriel García Márquez, Carlos Fuentes, Alejo Carpentier e José Danoso, considerando a troca de correspondências² entre eles.

4.2 Uma nova geração à margem do *boom*

Oswaldo Soriano, Griselda Gambaro, Antonio Skámeta, Sergio Ramírez, Britto García, Héctor Manjarrez, Luis Rafael Sánchez, Jorge Aguilar Mora, Norberto Fuentes, Plinio Apuleyo Mendoza, Lisandro Chávez e Alfaro Libertella são citados por Rama como “uma nova geração narrativa que trabalha com a construção de uma nova escritura”, apontado para essa narrativa um traço comum: o da marginalidade dos centros culturais em que se produz. Seria essa movimentação uma resposta contrária à movimentação literária como fenômeno da sociedade de consumo, contra uma possível arbitrariedade elitista, ainda que velada, entre autores e editores do *boom*? Por meio de pesquisa voltada aos escritores supracitados e suas obras, seria possível tentar responder a essa pergunta.

² <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/03/1595816-como-escritores-se-articularam-para-criar-o-boom-latino-americano.shtml>

5 ESCRITORES INTELECTUAIS: A NARRATIVA ENSAÍSTICA DO *BOOM*

Embora sejam considerados como parte do *boom* apenas narrativas ficcionais, há importantes ensaístas que fizeram parte do movimento com narrativas teóricas, os quais merecem um capítulo desta História da Literatura. São eles: Octavio Paz e Marta Harneker.

6 UM CÂNONE QUE PERDURA

Este capítulo teria um caráter empírico e funcionaria como a elaboração de um cânone latino-americano com base nas respostas de professores universitários da área. A ideia de fazer essa pesquisa surgiu após a retomada de memórias de um curso para professores de Espanhol como língua estrangeira do qual participei em Córdoba, em 2014. Na ocasião, o professor e músico Pablo Natale, da Universidade Nacional de Córdoba, nos perguntou quais eram os escritores argentinos que conhecíamos. A resposta foi surpreendente, pelo menos para ele, pois, na nossa lista, figuravam nomes como: Borges, Cortázar, Sábato, Bioy Casares, do período do *boom*. A partir de então, o professor Pablo escreveu uma lista de autores argentinos bastante conhecidos no país, mas totalmente desconhecidos para nós. Acredito que a pesquisa, além de mostrar o quanto o *boom* e suas obras seguem circulando entre nós, brasileiros, também pode servir como um alerta de que devemos ampliar nossa visão sobre os demais países latino-americanos.

Referências

DISCOVERY CHANNEL. Fidel: o homem e o mito. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dPYe5R2b3HY>. Acesso em: 21 jun. 2015.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Teoría de los polisistemas. Disponível em: <http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/papers/trabajos/EZ-teoria-polisistemas.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2015.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. Disponível em: <http://ir.nmu.org.ua/bitstream/handle/123456789/14618/b4881625f2196fd76c7f9aba373c449a.pdf?sequence=1>. Acesso em: 16 jun. 2015.

RAMA, Ángel. El Boom en perspectiva. *La crítica de la cultura en América Latina*. Tradução: Susana Kerschner. Biblioteca Ayacucho, S/D. p. 266-306. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cdrom/rama/rama.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2015.